

A PROSTITUIÇÃO MATRIMONIAL DE MOLL FLANDERS¹

Shellida Fernanda da Collina VIEGAS

RESUMO: A Inglaterra do século XVIII foi marcada por diversos problemas de diversas ordens. O surgimento do capitalismo desencadeou profundas mudanças tanto na economia quanto na sociedade, e isso se refletiu nas relações entre homens e mulheres e nos seus novos papéis nesse novo mundo. Esse clima, obviamente, reflete-se na literatura, mais precisamente na obra aqui analisada, *Moll Flanders*. As surpresas começam com a própria narradora: uma mulher. Esta é o extremo oposto das narradoras convencionais, modelos de comportamento e moral, pois era ladra e prostituta. Prostituta? Ao ler a obra, questionei-me sobre a validade dessa descrição e isso motivou-me a analisar essa fascinante obra. Irei, neste trabalho, ater-me principalmente ao que, no decorrer dos tempos, foi a principal característica atribuída à protagonista: a prostituição. Para tanto, procurei respostas tanto na literatura quanto na sociedade da época, pois somente com essas duas análises pude resolver a questão aqui colocada.

ABSTRACT: In XVIII century England was marked by several problems. The capitalism's sprouting caused deep changes in economy and society and this is reflected in the relations between men and women and in its new papers in this new world. This costumes is reflected in literature, specialty in *Moll Flanders*. The narrator is opposed of the conventional narrators, models of behavior and moral, because she is a thief and prostitute. I questioned myself the validity of this description This motivated me to analyze this fascinating book. In this work I will analyze *Moll Flanders's* prostitution. For that I'm looked for answers in literature's works and in the XVIII century society registers to resolve that question.

1. APRESENTAÇÃO

O romance de Daniel Defoe, *Moll Flanders*, um clássico da Literatura, além de delicioso, é muito intrigante. Afinal, o que faz a protagonista se auto-declarar prostituta, já que ela jamais manteve mais de um relacionamento ao mesmo tempo e nunca obteve lucro com eles? Foi essa a pergunta que norteou toda a minha pesquisa de mestrado.

O encantamento se dá logo no início da obra, pois, diferentemente do que o leitor poderia esperar, o autor anuncia antes mesmo do primeiro capítulo toda a trajetória de sua heroína:

Venturas e Desventuras da Famosa MOLL FLANDERS & Cia. que viu a luz nas prisões de Newgate e que, ao longo de uma vida rica em vicissitudes, a qual durou três vezes vinte anos, sem levar em conta sua infância, foi durante doze anos prostituta, durante doze anos ladra, casou-se cinco vezes (uma das quais com seu próprio irmão), foi deportada para a Virgínia e que, enfim, fez fortuna, viveu muito honestamente e morreu arrependida; vida contada segundo suas próprias memórias².

¹ Este artigo é uma breve apresentação do resultado de uma pesquisa orientada pela Profa. Dra. Suzi Frankl Sperber, vinculada ao Departamento de Teoria e História Literária do Instituto de Estudo da Linguagem (IEL) – UNICAMP.

² Daniel Defoe, *Moll Flanders*. São Paulo; Nova Cultural, 1996, p.11.

Obviamente, o leitor inicia sua leitura esperando que se revelem os doze anos de prostituição e os doze anos de roubos feitos pela própria protagonista. Entretanto, esse período de tempo (os primeiros doze anos) tão claramente delimitado nessa pequena apresentação não está tão claro assim no interior da narrativa. Isso me chamou a atenção. Se os momentos de prostituição estão bem demarcados no prólogo, porque não estão no interior da narrativa? Seria por erro do autor ou pela mudança de estética literária? Seria possível ainda afirmar que isso se deve à mudança do código moral e ético?

Fiquei ainda mais intrigada quando, no decorrer da leitura, percebi que, justamente essa personagem que se auto-denomina prostituta, em toda a obra aparece preocupada com as questões matrimoniais. Uma passagem em que tal preocupação fica explícita está reproduzida a seguir:

Entretanto, fomos a um lugar mais distante do interior e um padre católico nos casou. Foi-me assegurado que ele nos casaria tão validamente quanto um pastor anglicano o faria³.

Apesar de todas essas considerações, que num primeiro momento parecem incoerentes, se levarmos em consideração a afirmação feita por Moll, não posso contradizer nem a protagonista nem o autor: Moll Flanders é uma prostituta. Desse modo, procurei investigar as causas que a levaram a assim se descrever.

2. A CRÍTICA LITERÁRIA

No início de minha pesquisa, pude constatar que parece ser um consenso entre os críticos literários a prostituição de Moll Flanders, como pode ser observado em:

Não menos individualista é a orientação de Moll Flanders, a **prostituta** que, assim como os piratas, salteadores e aventureiros que povoam as narrativas de Defoe, é uma pessoa comum, vítima das circunstâncias da vida; uma ladra que, vivendo de pequenos furtos e expedientes, conta apenas com seus próprios recursos para sobreviver e melhorar sua condição, entre inúmeros casamentos e contravenções⁴ [grifo meu].

Ou ainda em:

Para Moll Flanders os criminosos se dividem em duas categorias: a maioria são depravados que merecem o próprio destino, mas ela e alguns de seus amigos são pessoas essencialmente virtuosas e dignas que não tiveram sorte — **mesmo quando se prostitui Moll continua pura**, pois, afirma, assim age por necessidade e não 'por amor ao vício'⁵ [grifo meu].

Fica claro, portanto, que a prostituição da personagem foi justificada (ela agiu assim por necessidade, empurrada pela pobreza), mas não foi questionada. Isso acabou

³ Idem, *op. cit.*, p.143.

⁴ Sandra G. Vasconcelos. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 68.

⁵ Ian Watt. *A ascensão do romance (estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding)*. São Paulo: Companhia das Letras, s/d., p.101.

por me intrigar ainda mais e me motivou a fazer novas pesquisas. Qual não foi minha surpresa ao encontrar na Internet um artigo cujo autor tentava demonstrar o porquê de Moll se considerar prostituta, porém sua explicação é no mínimo curiosa:

A escolha pela prostituição, porém, ocorreu apenas porque ela sentia a necessidade de sobreviver. Muitos animais têm esse instinto de sobrevivência. Sempre que ela se casava com um homem, **ele tinha de pagá-la para ter sexo**, mas sua vida era curta. [...] Portanto, Moll Flanders tinha de retornar a vida de crime, aos 48 anos, quando ela não podia mais ganhar a vida fazendo sexo por dinheiro⁶ [grifo meu].

Essa explicação, apesar de engraçada (além de inventada, pois em nenhum momento durante a narrativa ela cobra ou estipula o preço a ser cobrado pela relação sexual), tem uma certa lógica. Obviamente, só irei apresentá-la no final do artigo, para manter o suspense. Por enquanto, basta dizer que, como toda relação de prostituição, o motivo que a levou a ser assim classificada está relacionado com os valores financeiros.

3. A PROTAGONISTA

Para que o leitor possa entender a questão aqui colocada, vale a pena fazer um breve resumo da obra. Moll Flanders é uma criança órfã (sua mãe foi deportada, pois era ladra) que, após algumas peripécias, vai morar na casa de uma família. Lá ela se envolve com o irmão mais velho, porém se casa com o irmão mais novo. Quando este morre, ela se casa novamente com um comerciante, que acaba falindo e foge. Como seu segundo marido gastou todo o dinheiro que tinha economizado, Moll resolve ser mais cautelosa com suas finanças. Após um jogo de palavras, ela consegue se casar com um proprietário de terras americano e com ele se muda para os Estados Unidos. Ao se tornar íntima de sua sogra, acaba por descobrir que se trata de sua própria mãe. Horrorizada com o incesto que cometia, ela abandona o marido/irmão e volta para a Inglaterra. Ao chegar, ela se instala em Bath e toma um amante. Ele era casado, mas, como sua esposa era muito doente, ele e Moll viviam quase que maritalmente. Um dia, porém, ele adoece e, ao se recuperar, decide que não deve continuar em pecado e abandona Moll.

Como suas economias diminuíram consideravelmente, ela resolve se mudar para o norte a fim de poupar o pouco que conseguiu guardar. Lá ela se casa com James, que pensava ser rico. Na noite de núpcias, eles descobrem que, como ambos são pobres, um enganou o outro e resolvem se separar. Ela volta a Londres e se casa com um banqueiro. Seu casamento é bom, mas seu marido cai doente, após falir, e morre. Já velha e sem perspectiva de conseguir se casar novamente, Moll começa a roubar. Em uma certa noite, ela assalta um homem que a confundira com uma prostituta e eles se tornam amantes. Durante a época que mantiveram esse relacionamento, ela abandonou a vida de crime, porém, ao romperem a relação, ela volta a roubar e acaba sendo presa.

⁶ Moahmed Nadi. *Moll Flanders: a whole summary*. Disponível em URL: <http://www.literatureclassics.com/essays/669/>. Acessado em fevereiro de 2004.

Na prisão, ela se reencontra com James e ambos vão para a América, onde se estabelecem e, por meio do trabalho, conseguem prosperar e enriquecer.

Primeiramente, cabe esclarecer que em nenhum momento Moll é descrita como uma prostituta, pois ela nunca andou pelas ruas a procura de amantes ou adentrou nas “casas de má-fama” tão comuns na época. Ademais, ela também nunca se comportou como tal:

Defoe nos dá uma clássica descrição dessas mulheres que andavam entre a Charing Cross e a Ludgate. Ele se queixou porque enquanto andava rapidamente, mulheres se moviam por seu caminho e o pararam com uma “insolente malícia”. Numa outra vez, elas puxaram sua manga ou saudaram-no com uma obscena saudação: outras simplesmente agarraram-no pelo ombro e pediram para serem tratadas com vinho antes que elas o deixassem partir⁷.

Junto a isso, é possível afirmar que ela também não é descrita como uma rica cortesã, tais como suas sucessoras na Literatura, Manon Lescault ou Marguerite por exemplo. Isso porque, toda vez que iniciava um relacionamento, ela se afastava de todo e qualquer contato com a sociedade; ela se isolava. Finalmente, cabe dizer que ela nunca obteve lucro com seus relacionamentos, na verdade sua condição financeira piorava a cada término de casamento/amancebamento. Ora, tais características não são minimamente próximas do que ocorre com as famosas cortesãs, sejam elas personagens ou reais, que circulavam pelas praças, óperas, bailes, festas etc. sempre suntuosamente adornadas, mantidas por vários homens abastados.

Com isso, fica claro um outro ponto importante: Moll nunca manteve mais de um relacionamento ao mesmo tempo, de modo que essa não pode ser a explicação para a sua prostituição. Não obstante, várias outras hipóteses são plausíveis, como o elevado número de maridos/amantes. Sei que, mesmo para os padrões do século XXI, a quantidade de relacionamentos que Moll teve (oito homens ao todo) ainda deve assustar alguns. Essa taxa, porém, não era considerada tão alta na época de Defoe. Embora tenha encontrado vários relatos a respeito, ressalto apenas um:

Mas, a despeito de tudo o que acabamos de ver, a impressão dominante para todo o período que vai do século XIV ao XIX é que a sociedade não só tolerava como também encorajava um novo casamento. Essa “poligamia serial”, com todas as dificuldades familiares que pode ter causado, é um traço fundamental do sistema de casamento malthusiano.

Os altos índices de mortalidade podiam levar a situações extremas, como a da mulher holandesa que chegou a ter 25 maridos, do homem em Essex que enterrou oito esposas, **ou do famoso relato de Defoe sobre as febres debilitantes nos pântanos de Essex, que faziam as pessoas casarem “catorze ou quinze vezes”** [...] Vários aspectos dessa prática surpreendem pelo inusitado. O primeiro é a rapidez com que acontecia o novo casamento, embora houvesse algumas restrições para as mulheres. Segundo o direito romano, um novo casamento “antes de completar um ano de luto” era proibido. Isso por dois motivos: para evitar incerteza quanto à paternidade e “porque um luto reverente e piedoso em memória do marido falecido caracteriza uma atitude respeitosa”. Na Inglaterra, porém, nem o direito consuetudinário, nem o direito canônico proibiam um novo casamento antes de um ano. Quando muito rápido, este podia ser

⁷ Randolph Trumbach, *Sex and the gender revolution*, vol.1. Chicago: The University of Chicago Press, 1998, p.153.

desaprovado pelas pessoas como inconveniente [...] mas de um modo geral o intervalo era curto⁸ [grifo meu].

Obviamente, de todos os textos que li sobre esse assunto, este foi o mais ilustrativo, pois o famoso pesquisador usou como fonte de pesquisa, dentre tantos outros documentos, os relatos feitos pelo próprio Defoe, autor de *Moll Flanders*. Dessa forma, fica claro que esse não pode ser o motivo de sua prostituição.

Dois relacionamentos de Moll me pareceram tentadores para explicar sua prostituição: o irmão mais velho e o cavalheiro. Seu relacionamento com o irmão mais velho é muito interessante, visto que, em muitos dos encontros que tiveram, ele lhe dava algumas moedas. Esse episódio é interessante, pois, como em vários momentos do livro, ele é contraditório. Na primeira vez que recebe as moedas, Moll afirma que ficou desconcertada com esse ato, afinal ela o amava e ele tinha-lhe prometido, não só amor eterno, como casamento. Contudo, no desenrolar do episódio, ela afirma que já não se importava mais com ele ou com as suas intenções, mas apenas com as moedas. Seu tom muda novamente. Ao perceber que o irmão mais velho não quer se casar, ela cobra a palavra por ele dada. Fica claro que a relação de Moll com o irmão mais velho está mediada pelo dinheiro, ou, mais até que pelo dinheiro imediato, pela herança que o rapaz deveria receber no futuro. Isso porque, ao se casarem, ela automaticamente poderia desfrutar dessa riqueza. Ademais, era do costume inglês, como pode ser observado em várias peças de Shakespeare, considerar-se o pedido de casamento tão válido quanto o próprio casamento, de modo que, após o pedido, os noivos estavam praticamente casados, o que justifica a perda da virgindade. Assim, perder esse matrimônio significava perder a herança.

O relacionamento com o cavalheiro também é interessante. Primeiramente, porque ela já havia se tornado ladra, pois perdera a esperança de encontrar um novo amante/marido (já que ela mesma admitia estar um tanto velha). O outro motivo está ligado ao local de encontro: a feira de S. Bartolomeu. Tratava-se de uma feira muito popular na época, que ocorria uma vez por ano. Moll estava lá, já que se tratava de um bom lugar para a sua prática de roubo, e avista um cavalheiro que a confunde com uma prostituta, já que estas também circulavam pela feira a procura de amantes. Elês tem relações sexuais. Interessante ressaltar que em nenhum momento eles acertaram o preço, de modo que, como era ladra, Moll rouba sua carteira e foge. Por intermédio de sua “tutora”, eles marcam um segundo encontro e o cavalheiro a toma como amante. No período em que assim vivem, Moll deixa as ruas e pára de roubar, condição a que volta quando terminam o relacionamento. Fica claro, portanto, que, se no início ela se assemelhou a uma prostituta, no decorrer do episódio ela teve outro comportamento, sendo incoerente assim descrevê-la.

4. O CASAMENTO E A PROSTITUIÇÃO

Examinadas todas essas possibilidades, restou-me apenas uma e que, a cada nova descoberta, parecia firmar-se como sendo a mais coerente: a natureza de seus

⁸ Alan Macfarlane, *História do casamento e do amor — Inglaterra, 1300-1840*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, pp.242s.

relacionamentos. Antes de analisá-la, vale lembrar que, no início de sua vida, quando foi colocada em uma espécie de orfanato, Moll trabalhava para se sustentar e, quando foi acolhida pela família do irmão mais velho, continuou a exercer seu ofício. Foi após o seu primeiro casamento que ela parou de trabalhar, seu sustento se devia ao casamento/amancebamento, já que cabia ao marido/amante o sustento e a moradia de sua mulher. Somente no final da obra, quando foi deportada para os Estados Unidos, é que ela voltou a trabalhar, ao lado de seu marido, agora no campo, para se manter.

Desse modo, pude questionar o motivo de seus relacionamentos. Ora, se ela se casou ou se se tornou amante para ser sustentada, seus relacionamentos, sobretudo seus matrimônios, são de conveniência. O marido que ela afirma amar é James, não a toa o único a ter nome durante toda a narrativa, já que os outros eram denominados apenas por sua profissão ou por alguma característica social. Não obstante, apenas quando se casaram por amor e ambos começaram a trabalhar lhes foram permitidos o enriquecimento, a estabilidade e o perdão pelos crimes. Isso condiz com o seguinte pensamento de Engels:

Quando a propriedade privada se sobrepôs à propriedade coletiva, quando os interesses da transmissão por herança fizeram nascer a preponderância do direito paterno e da monogamia, o matrimônio começou a depender inteiramente de considerações econômicas.

Mas, para firmar contratos, é necessário que haja pessoas que possam dispor livremente de si mesmas, de suas ações e de seus bens, e que se defrontem em igualdade de condições. Criar essas pessoas “livres” e “iguais” foi exatamente uma das tarefas da produção capitalista. Apesar de que, no começo, isto não se fez senão de uma maneira meio inconsciente e, além do mais, sob o disfarce da religião, **a partir da reforma luterana e calvinista, ficou firmemente assentado o princípio de que o homem não é completamente responsável por suas ações senão quando as pratica com pleno livre arbítrio.** e que é um dever ético a oposição a tudo que o constringe à prática de um ato imoral.

Assim, sucedeu que a burguesia nascente, sobretudo a dos países protestantes, onde se sacudiu de uma maneira mais profunda a ordem de coisas existentes, foi reconhecendo cada vez mais a liberdade de contrato para o matrimônio e pôs em prática a sua teoria, da maneira que descrevemos. O matrimônio continuou sendo um matrimônio de classe, mas no seio da classe concedeu-se aos interessados certa liberdade de escolha. **E, no papel, tanto na teoria moral como nas narrações poéticas, nada ficou tão inquebrantavelmente assentado como a imoralidade de todo casamento não baseado num amor sexual recíproco e num contrato de cônjuges efetivamente livres. Em resumo: proclamava-se como um direito de ser humano o matrimônio por amor;** e não só como droit de l’homme, mas também, e por exceção, como um droit de la femme⁹. [grifo meu].

Levando em consideração que Defoe fazia parte da burguesia e que era um dos defensores de sua ideologia, fica claro agora o motivo de ter classificado Moll como prostituta: na sociedade capitalista do século XVIII, tornou-se inaceitável todo e qualquer tipo de casamento de conveniência. O único tipo de casamento aceitável é o com base no amor.

Tal afirmação pareceu-me, a princípio, forte. Como poderia sustentar tal tese? Achei um tanto absurda essa possibilidade. No entanto, como todas as outras hipóteses haviam se mostrado errôneas, essa ainda parecia ser a mais provável. Quase no final de minha pesquisa, tomei conhecimento de uma obra de Defoe cujo título soava-me

⁹ Friedrich Engels, *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974, pp. 86-8.

imensamente atrativo: *Conjugal lewdness; or, matrimonial whoredom*. Foi com muito esforço e depois de um longo tempo de espera que tive acesso a essa obra e foi com muita alegria que pude ler as seguintes palavras de Defoe:

Quão pequena é esta [afeição] que é a parte essencial da compreensão no mundo, quão pequeno é o amor encontrado no casamento, como estes arranjos; e quais são as conseqüências, além da descrença presente no casamento de conveniência; deslealdade, brecha na fé e na honra e a pior sorte de perjúrio de ambos os lados?¹⁰.

Outra passagem, dentre tantas, que merece destaque é:

Ele ou ela que, como fuga ou com afeição superficial, se aventura nos votos matrimoniais, são para mim mais que uma prostituição legal: aos olhos da política podem ter se casado, mas nos termos de Deus e da natureza, esta é a minha opinião: eles não realizaram um matrimônio¹¹.

Assim, realmente Moll pode ser considerada prostituta por ter cobrado de seus maridos: seu preço era seu pão e seu teto¹².

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABREU, M. A. (2002). "Prefácio: percursos da leitura". In: Abreu, M. A. (org.), *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, ALB.
- ANDERSON, M. (1984). *Elementos para a história da família ocidental 1500-1914*. Lisboa: Editorial Quercus.
- ARIÈS, P. (1978). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1983a). "O amor no casamento". In: *Sexualidade ocidentais*. Lisboa: Contexto Editora.
- _____. (1983b). "O casamento indissolúvel". In: *Sexualidade ocidentais*. Lisboa: Contexto Editora.
- BASSERMANN, L. (1967). *História da prostituição. Uma interpretação cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BRAUDEL, F. (1996). *Civilização material, economia e capitalismo séculos XV – XVIII*. São Paulo: Martins Fontes.
- DEFOE, D. (1996). *Moll Flanders*. Trad. Antonio Alvez Cury. São Paulo: Nova Cultural.
- _____. (1965). *As confissões de Moll Flanders*. Trad. Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Ediouro.
- _____. (1970). *Conjugal lewdness; or, matrimonial whoredom*. Students facsimiles. Londres: The Scolar Press Limites.
- _____. (1994). *Moll Flanders*. Londres: Penguin Books Ltd.
- DE MARCO, V. (1986). *O império da cortesã*. São Paulo: Martins Fontes.
- DUMAS FILHO, A. (1996). *A Dama das Camélias*. São Paulo: Nova Alexandria.

¹⁰ Daniel Defoe, *Conjugal lewdness; or, matrimonial whoredom*. Students facsimiles. Londres: The Scolar Press Limites, 1970, p.90.

¹¹ Idem, op. cit., pp.102s.

¹² Esse artigo é apenas um pequeno resumo de minha Dissertação de Mestrado. Se se interessou pelo assunto, convido-lhe a lê-la.

- ENGELS, F. (1974). *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- EVANS, I. (1976). *História da literatura inglesa*. São Paulo: Martins Fontes.
- GOREAU, A. (1983). “Duas inglesas do século XVII – Notas para uma anatomia do desejo feminino”. In: *Sexualidade ocidentais*. Lisboa: Contexto Editora.
- GRIFF, S. (2003). *O livro das cortesãs. Um catálogo das suas virtudes*. Rio de Janeiro: Rocco.
- MACFARLANE, A. (1990). *História do casamento e do amor — Inglaterra, 1300-1840*. São Paulo: Companhia das Letras.
- NADI, M. (s./d.). *Moll Flanders: a whole summary*. Disponível em Internet: <http://www.literatureclassics.com/essays/669>.
- NOVAC, M. (1998). “Defoe as na innovator of fictional form”. In: Richelli, J. (org.), *The Cambridge Companion to the eighteenth century novel*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PRÉVOST, A. (1981). *Manon Lescaut*. São Paulo: Abril.
- PUJALS, E. (s./d.). *Historia de la literatura inglesa*. Madri: Editorial Gredos.
- _____. (1995). “O mercador de Veneza”. In: *Obras completas*, vol.2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- STONE, L. (1979). *The family, sex and marriage in England, 1500-1800*. Nova York: Harper and Row.
- SULLEROT, E. (1970). *A mulher no trabalho*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura.
- TRUMBACH, R. (1998). *Sex and the gender revolution*, vol.1. Chicago: The University of Chicago Press.
- _____. (1999). “A moderna prostituição e o conceito de gênero em *Fanny Hill*: fantasia libertina e doméstica”. In: Rousseau, G. S.; Porter, R. (orgs.), *Submundos do sexo no iluminismo*. Rio de Janeiro: Rocco.
- VASCONCELOS, S. G. (2002). *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo.
- WATT, I. (s./d.). *A ascensão do romance (estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- WEBER, M. (1967). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira.